

GT 3 - Secretariado e Atuação Profissional

Tema 2 - Assessoria Secretarial.

**PROFISSIONAL DE SECRETARIADO E A GESTÃO DA INFORMAÇÃO: NAS
ATIVIDADES ARTESANAIS DENTRO DE UMA COMUNIDADE INDÍGENA
GUARANI EM TURVO-PR.**

Indianara Rocha

Universidade Estadual do Centro-Oeste, indianara23ocha@gmail.com

Paôla Penteado Moreira

Universidade Estadual do Centro-Oeste, moreirapaola20@gmail.com

Mábia Camargo

Universidade Estadual do Centro-Oeste, camargomabia@gmail.com

Resumo: Este estudo tem por objetivo compreender como o profissional de secretariado executivo pode atuar na área de gestão da informação no contexto de uma comunidade indígena Guarani, contribuindo para os processos de produção de artesanatos. O presente trabalho tem como aporte teórico reflexões a partir da gestão da informação e das assessorias abertas em relação à confecção de peças artesanais. Além disso, pensar os processos de comunicação na realização das atividades artesanais na comunidade analisada. Esta pesquisa se caracteriza um estudo de caso, cujas técnicas de pesquisa utilizadas foram bibliográfica, técnicas de observações no campo e entrevistas com 5 membros da comunidade e de associações que participam da mesma. Os resultados indicam que a gestão da informação é crucial para compreender os processos artesanais assim como para as tomadas de decisões, tanto na produção do artesanato, vendas, divulgações, quanto em aspectos que interferem nas vidas dos componentes da aldeia.

Palavras-chave: Artesanato. Assessoria Aberta. Indígenas Guaranis.

1 INTRODUÇÃO

O interesse em trabalhar no contexto de comunidades indígenas é tributário da ampla formação e visão holísticas características do profissional de secretariado, podendo atuar em diversas áreas e em organizações das mais variadas naturezas. Dessa forma, a profissão secretarial pode ser inserida em diversos campos de saber, sobretudo, nas áreas que atuam com o foco de trabalho na gestão.

Assim, o bacharel em secretariado executivo pode tornar-se assessor, gestor, consultor, pesquisador, professor e intermediador, cujas funções dedicam-se a produzir um elo entre as diferentes partes de dada organização, como por exemplo, a escrita de documentos, e-mails e atendimentos a pessoas (nos processos de gestão) e nos processos burocráticos, como o controle das rotinas organizacionais que envolvem o dia a dia do trabalho secretarial.

Esta pesquisa busca construir um movimento de ir além dos ambientes organizacionais tradicionais. Tal empreendimento envolve trabalhar com a prática de assessorias em ambientes relativamente diferenciados, nos quais podemos destacar uma aldeia

indígena, por exemplo. Acredita-se que o cenário indígena remete a um ambiente inovador para a aplicação dos conhecimentos do Secretariado Executivo.

Assim, a aldeia para a qual se dedica esta pesquisa, se encontra na Reserva Indígena Marrecas, localizada entre os municípios de Turvo e Guarapuava, Estado do Paraná. Segundo o portal Kaingang (2006) o território original de 17.019,85 hectares (em 1880) atualmente apresenta 16.838,57 hectares. Nesta reserva, concentram-se duas comunidades indígenas, sendo elas: a sede Kaingang, com 670 índios de acordo com o último censo do IBGE (BRASIL, 2018), na sede dos Guaranis existem 15 famílias com, aproximadamente, 80 indígenas.

Cada aldeia vive conforme as suas regras, cultura, língua e religião. Mas, nem por isso, deixam de conviver uns com os outros de forma participativa. Partindo desses conhecimentos produzidos com base em nossa inserção no campo de estudo, surgiu a problemática a ser investigada neste trabalho, por meio das seguintes perguntas de pesquisa:

1. Como a Gestão da Informação pode contribuir para a compreensão do processo de produção de artesanatos em uma aldeia indígena do povo Guarani no município de Turvo-Pr?
2. Como a Assessoria se relaciona com a Gestão da Informação na produção artesanal desta aldeia?

O objetivo da pesquisa é compreender como o profissional de secretariado executivo pode atuar na área de gestão da informação no contexto de uma comunidade indígena Guarani, a partir do estudo dos processos de produção de artesanatos. E objetivos específicos: a) Analisar o procedimento da produção do artesanato na comunidade Guarani; b) Observar como ocorre o processo de gestão de informação no tocante ao artesanato dentro da aldeia. c) Analisar como o secretário executivo pode trabalhar a gestão da informação na forma de assessoria aberta, considerando o contexto da pesquisa.

Este estudo tem como interesse investigativo discutir sobre os processos de produção artesanal na aldeia citada, apresentando como o profissional de secretariado pode contribuir com seus conhecimentos em outros campos de saber, como exemplo, a comunidade indígena Guarani Turvo-PR. Além disso, procuramos identificar as contribuições que o grupo indígena estudado proporcionou ao campo das assessorias abertas.

Neste aspecto, as contribuições da pesquisa culminaram na relação secretariado-assessoria-aldeia. Essa relação é complexa e relativamente nova, por isso, a atuação do profissional de secretariado neste contexto ocorreu de forma gradativa. Os indígenas nos ensinaram que a inserção no campo de estudo deve considerar os elementos ético-políticos que envolvem o pesquisar, sobretudo porque requer de sensibilidade para com o grupo estudado.

Desse modo, este trabalho tem o potencial de oferecer maior valorização do profissional de secretariado executivo trabalhando com grupos minoritarizados, assim como, privilegiando o trabalho artesanal desenvolvido pela comunidade indígena estudada, ampliando a relevância do trabalho indígena no contexto sócio-histórico-político contemporâneo.

A relação entre o povo indígena e os profissionais de secretariado no dia a dia da aldeia estudada tem o potencial de fomentar a produção de conhecimentos como uma troca; os indígenas por meio do trabalho com o artesanato podem subsidiar as teorias da gestão a partir de um outro olhar, de modo que as teorias aqui trabalhadas podem trazer modificações (positivas) dentro da comunidade e também fora dela.

Além da contribuição de produção de conhecimento que este estudo potencializa, os ganhos epistemológicos para a universidade e para a comunidade também merecem ser ressaltados, podendo oferecer uma nova visão às acadêmicas e acadêmicos que estão desenvolvendo pesquisas científicas na área secretarial e sua correlação à outras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A ASSESSORIA ABERTA E SUAS POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO EM CONTEXTOS INESPERADOS

A abordagem que orienta os modos de trabalho do profissional de secretariado executivo nesta pesquisa, diz respeito aos quatro eixos de assessoramento, com base nas assessorias abertas, cujo primeiro eixo corresponde à assessoria operacional, isto é, a gestão dos processos burocráticos, aqueles relacionados às rotinas secretariais (redação e controle de documentos e arquivamento, atendimento interpessoal e gerenciamento de secretaria).

Estas atividades técnico-operacionais levaram o profissional de secretariado a atuar na assessoria executiva (assessorixe), caracterizada como assessoria direta às empresas na área oficial ou gerencial autônoma, compondo o segundo eixo de assessoramento executivo (NONATO JÚNIOR, 2009, p.77-79).

O terceiro eixo de atuação secretarial envolve a assessorística, ou seja, a assessoria intelectual direcionada aos estudos que abordam o papel das assessorias na elaboração de atividades intelectuais, como as pesquisas de caráter científico. Por fim, o quarto eixo é chamado de assessorab, isto é, a assessoria aberta que envolve todas as práticas secretariais para além do ambiente das organizações convencionais, ampliando a atuação em outras áreas de conhecimento e em outros contextos.

E por estarmos tratando de uma assessoria que ainda é pouco estudada e também pouco praticada, por assim dizer, essa pesquisa está vinculada ao 4º eixo - Assessorab, como já foi dito, caracterizado pelo estudo ligado aos pontos de assessoria aberta, por ser em uma aldeia onde se possui uma forma de liderar diferenciada, ou seja, descentralizada e ‘ritualizada’ como vamos discutir neste trabalho. Para isso, utilizaremos alguns conceitos no cerne da gestão da informação com vistas a orientar o nosso olhar sobre o modo de administrar o artesanato na aldeia, pela perspectiva dos indígenas em relação à visão acadêmica.

Até aqui refletimos sobre a atuação do profissional de Secretariado Executivo em relação aos processos de informação e compartilhamento descentralizado, participativo no trabalho organizacional, para aprofundar esta reflexão, na próxima seção vamos compreender o conceito de gestão da informação, a seguir.

2.2 GESTÃO DA INFORMAÇÃO

Esta abordagem ajuda a elaborar uma noção de gestão com visão estratégica para melhorar a transmissão e emissão de mensagens ou um tipo de ordenação na comunicação. De acordo com Barbosa (2008), a gestão da informação está associada a tecnologia como forma de comunicação, incorporando o conhecimento em relação aos seres humanos e aparelhos de forma irreversível, acarretando uma informação mais sistêmica, a fim de facilitar a comunicação de organizações e grupos.

Em relação ao grupo indígena focalizado neste trabalho, as formas de comunicação estabelecidas na aldeia são diferentes, eles se comunicam de forma direta, isto é, há um cacique que atua como líder e os demais componentes da aldeia dirigem-se a ele para tomada de decisões. Na aldeia, este tipo de comunicação pode diminuir os ruídos nas interações, amenizando possíveis conflitos interpessoais.

Para Marchiori (2002, p. 74-75) a gestão da informação ainda é considerada como um recurso tecnológico dentro das organizações através de hardware, software e canais interligados, isto é, diversos sistemas de informação empresarial. O gerenciamento dos recursos de informação independentemente do local a ser aplicado, assim como, o monitoramento, localização, avaliação e contendo fontes de informações que possibilitem atender à solicitação de forma imediata.

O profissional de secretariado se encontra como o principal receptor e transmissor de processos e informações que ocorrem na empresa e fora dela, assim condicionando uma melhor visão da informação, podendo gerar estratégias para melhorar ou corrigir suas demandas, em uma empresa ou grupo de pessoas, em situações que possuam uma forma de comunicação, sistematizada ou não.

Diante dessa explanação, acredita-se que o profissional de secretariado é o principal receptor e transmissor de informações dentro de uma organização, podendo essa atuação se estender para contextos em que as tecnologias digitais são precárias ou escassas, como é o caso de grupos vulnerabilizados. No caso da aldeia, o uso de *smartphones* condiz com os recursos de informação aqui estudados.

Em termos de sistematização da GI dentro da aldeia indígena, observamos que há uma equipe de liderança composta pelo cacique e vice cacique, somada a 6 ou 8 membros de liderança. O cacique e o vice cacique são os primeiros a tomar as decisões em relação ao artesanato, o restante da aldeia pode participar tecendo críticas e sugestões. Embora haja um certo tipo de sistematização em torno do cacique e do vice cacique, observamos que a coletividade prevalece, assim, o restante da aldeia indígena também possui o direito de tomar decisões e falar diretamente com os líderes, sem burocracias.

2.3 A COMUNIDADE INDÍGENA E O ARTESANATO GUARANI

Os Guaranis fazem parte de um grande conjunto de povos conhecidos como Tupi-guarani. Estes povos têm muitas características em comum, como língua semelhantes, hábitos culturais e semelhanças físicas. Sendo que os tupis habitavam majoritariamente as partes centro norte do país e os guaranis as centro-sul, partes do Paraguai, da Bolívia e do norte da Argentina (BRANDÃO, 1990).

A comunidade indígena Guarani onde foi realizada a pesquisa, faz parte da Reserva Indígena Marrecas, a qual também sedia outra comunidade indígena chamada de Kaingang Xetá. O fato de duas etnias diferentes coabitarem o mesmo território não impede a convivência harmoniosa entre eles, por mais diferentes que sejam, a forma de cada aldeia viver indica a possibilidade de viver na diferença.

Sobre a configuração organizacional da aldeia, como foi explicado, há um cacique e vice cacique, esses são responsáveis por todos os assuntos da aldeia. Inclusive sobre a confecção do artesanato, que é comercializado fora do território indígena. Algumas elaborações sobre o artesanato dos Guaranis é fundamental. Primeiro, é uma das tradições

passadas de “pai para filho”, ou seja, o tipo de ensinamento preponderante desta técnica é a forma oral. Os pais narram aos filhos como fazer as peças.

As peças são produzidas a partir da taquara (*Merostachys speciosa* ou *Merostachys skvortzovii*), bambu típico da mata de araucária brasileira, madeira, outras árvores e folhas que os próprios indígenas retiram da natureza. A taquara é cultivada e colhida pelos próprios indígenas. O tratamento da taquara e o processo artesanal completo acontece dentro da aldeia.

Conversando com um cidadão que frequenta a aldeia, ele contou que não há uma idade certa para a produção do artesanato, normalmente se começa na juventude. A maior parte da confecção das peças tem os seus artesãos específicos, ou seja, não é qualquer indígena que as produz. Também os objetos que são produzidos contam histórias e são produzidos por pessoas reconhecidas na aldeia. As peças são feitas manualmente e podem ser adaptadas ao gosto de quem as adquire. Vamos tratar dos detalhes do artesanato indígena Guarani, na seção 4.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi desenvolvida por meio do método qualitativo, que segundo Sampieri *et al* (2013, p. 376) busca “compreender a perspectiva dos participantes [...] sobre os fenômenos que os rodeiam, aprofundar em suas experiências, pontos de vista, opiniões e significados [...]”. Deste modo, este tipo de abordagem ajudou a desenvolver o processo em que as pesquisadoras buscaram compreender como ocorre o processo de produção do artesanato na comunidade indígena Guarani pela perspectiva da assessoria e da gestão da informação.

A pesquisa foi desenvolvida com base no estudo de caso, o qual, de acordo com Michel (2009, p. 53) “consiste na investigação de casos isolados ou de pequenos grupos, com o propósito básico de entender fatos, fenômenos sociais”. Dessa forma, o estudo de caso proporcionou discernimento sobre a pesquisa, indicando os caminhos para o desenvolvimento do trabalho. Para realizar este estudo de caso, o viés qualitativo e exploratório possibilitou analisar os conteúdos produzidos na pesquisa.

A pesquisa exploratória, conforme definição de Gil (2011, p. 27) é entendida como a pesquisa que proporciona uma visão mais ampla “de tipo aproximativo” sobre o tema de estudo, visto que há pouca pesquisa no assunto proposto, acredita-se que a aproximação com a aldeia indígena auxiliará no aprofundamento das relações inter/transdisciplinares para o campo do secretariado, como indica a proposição de um trabalho em assessorias abertas.

Conforme Richardson (1985, p. 160) “é uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas”. Deste modo, a coleta de dados foi realizada com base em visitas à comunidade. Além disso, o estudo documental de materiais disponibilizados *online* no site portal Kaingang foi necessário para aprofundar a discussão.

A fim de compreender como a gestão da informação pode ser analisada no contexto da aldeia, uma entrevista estruturada com o cacique foi realizada. A entrevista contou com um roteiro previamente elaborado, contando com seis questões abertas e foi gravada em áudio, a fim de que as pesquisadoras estabelecessem uma interação com o entrevistado, para alcançar os objetivos da pesquisa.

Para interpretar os dados foi realizada a análise de conteúdo, que segundo Gil (2009, p. 98) é “[...] uma técnica para estudar a comunicação humana de maneira sistemática e objetiva [...],” proporcionando ao pesquisador o desenvolvimento do estudo com dados de

“validade e fidedignidade” (GIL, 2009, p. 98). A interpretação dos dados será discutida na sequência.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A observação em campo permitiu estudar como ocorre a produção do artesanato na aldeia estudada. Tudo começa com as reuniões, as quais são realizadas na escola, com os indígenas que produzem os artesanatos e a coordenadora do “Projeto Marias”¹. Nas reuniões em que estivemos presentes, percebemos que elas são destinadas para tomada de decisões em níveis estratégicos, como no caso em que o cacique assinou alguns cheques a fim de garantir a compra de alimentos e demais recursos para a aldeia.

No ano de 2017, a aldeia indígena subsidiou o “Projeto Marias”, uma iniciativa da prefeitura da cidade de Turvo-PR, cujo propósito era desenvolver e aprimorar o artesanato da aldeia Guarani. Sendo assim, receberam auxílio através da secretaria de assistência social, Emater e do Programa de Fomento do Governo do Estado do Paraná.

O “Projeto Marias” ajuda com doações de materiais para a produção do artesanato e também auxilia nas técnicas já existentes dentro da comunidade indígena e apresenta novas técnicas e novos tipos de artesanato para os indígenas, para que assim os mesmos possam ser estrategicamente mais fortes em relação ao mercado artesanal.

O ponto de referência para os indígenas se reunir e confeccionar os seus artesanatos é a escola, menos o entrevistado B, que se nega em estar junto com o restante da comunidade porque reconhece a escola como sendo das crianças, assim, ele prefere produzir suas minis esculturas em casa onde se sente mais à vontade, como ele mesmo relatou na entrevista (Notas de campo, 5 de setembro de 2019).

Embora haja uma separação que define os espaços-tempos da aldeia, de acordo com as observações de campo, pode-se afirmar que a mesma se constitui por meio do trabalho em equipe. Um dos momentos em que a coletividade é exacerbada é nas reuniões, onde há a presença da coordenadora do Projeto Marias e outras pessoas interessadas em participar das pautas indígenas. No entanto, os indígenas produzem as peças e os artesanatos em suas casas, sem a presença de pessoas não-indígenas.

Neste aspecto, a GI dentro de uma instituição é fundamental e, assim, podemos observar que dentro da comunidade indígena ela também se faz necessária, porque os indígenas precisam trabalhar com a comunicação, sobretudo para que ocorra a produção das peças. Deste modo, podendo ser inserida em uma organização, comunidade, ou qualquer lugar onde haja uma forma de comunicação, a GI pode ser vista como uma estratégia organizacional em que deve ser priorizada.

Partindo da ideia de gestão com foco na informação, percebemos que na aldeia pesquisada os indígenas se comunicam na língua nativa (Guarani), onde a juventude respeita as falas dos mais velhos. As comunicações entre eles acontecem de forma coletiva e hierarquizada, onde as lideranças são as primeiras a falar, em seguida os homens mais velhos, depois as mulheres e por fim, os mais novos.

¹ Projeto Marias é um grupo elaborado e coordenado por uma assistente social, para desenvolver novas técnicas de artesanato e aprimorar as já existentes dentro da comunidade indígena. Recordando que o projeto não é aplicado somente na aldeia e sim em outras comunidades do município de Turvo-PR.

28 A 30 DE OUTUBRO DE 2021

“REDES DE COLABORAÇÃO CIENTÍFICA NO SECRETARIADO: O QUE PODEMOS FAZER PARA A PROFISSÃO DO AMANHÃ?”

Esta breve descrição ajuda a problematizar que a informação na aldeia é permeada por marcadores sociais, principalmente de idade e gênero. Assim, o povo Guarani representa a sua cultura e essa se manifesta de várias formas, dentre elas: a religião, a língua, hábitos alimentares e seus artesanatos.

No que diz respeito ao artesanato, os objetos são criados tanto para fins de utilidades domésticas, quanto para rituais religiosos e enfeites. Entre os objetos criados para utilidades domésticas podem ser citados os balaios (cestos), esteiras, peneiras, leques, entre outras. Para fins religiosos, podem ser citados os trabalhos em que são confeccionados instrumentos musicais, como a flauta e os chocalhos.

O artesanato dos Guaranis corresponde a uma das tradições que vive sendo passada de “pai para filho”. Esse artesanato é produzido a partir da taquara (*Merostachys speciosa* ou *Merostachys skvortzovii*), bambu típico da mata de araucária brasileira, a madeira de outras árvores e folhas que os próprios indígenas retiram da natureza também operam como matérias-primas para as peças.

Em conversa informal com um cidadão (não-indígena) que frequenta a aldeia, ele contou que não há uma idade certa para iniciar-se na produção do artesanato, normalmente se começa na adolescência, ou ainda na infância, a partir dos cinco ou seis anos de idade. A maior parte da confecção das peças tem os seus artesãos específicos, ou seja, as atividades são delegadas de acordo com cada pessoa e a sua função é específica para a realização do artesanato.

Embora haja distinção entre as pessoas envolvidas no processo de feitura do artesanato, boa parte da aldeia sabe como confeccionar todas as peças. Algumas famílias produzem o cachimbo, outras fazem o peixinho de madeira talhado, outra trabalha mais com a questão das cestarias que utilizam a taquara como matéria prima. O artesanato é dependente da família que o produz e de quem tem o conhecimento das técnicas, as quais são passadas de geração para geração de forma oral.

Além disso, há objetos criados com intuito de serem usados para enfeite, para esse propósito são produzidas esculturas (geralmente representando animais típicos das florestas das terras guaranis) e miniaturas em madeira, a aldeia também trabalha com bijuterias (colares de missangas, pulseiras e adereços para o cabelo). Neste aspecto, há uma especificidade na produção das minis-esculturas de madeira, as quais são feitas por apenas um indígena da comunidade; observamos que ele é o único artesão na aldeia que detém esse conhecimento. E ele, como artesão, reconhece o artesanato como uma atividade realmente importante para o grupo.

A produção dos cachimbos é de utilidade própria. Os balaios são usados para guardar alimentos, os colares para realçar a beleza das mulheres indígenas, animais em miniaturas são destinados aos pequeninos guaranis, para eles brincarem, e os chocalhos são utilizados em rituais religiosos.

A madeira é a principal matéria-prima para a confecção das peças, a esse respeito, o entrevistado B narrou que as madeiras que ele mais utiliza para construir as peças de mini esculturas são a “leiteira e a caroba”, que são mais fáceis de trabalhar e a madeira é mais mole para conseguir esculpir.

Já os apanhadores de sonho, pulseiras e colares contam com recursos da Prefeitura de Turvo, EMATER e o “Projeto Marias”, são estas instituições que compram a matéria-prima para a aldeia, ou ainda, fazem doações de lantejoulas, linhas e anilina para colorir as “penas” que são fixadas nos palitos que servem para prender o cabelo. Este recurso governamental

subsidiou a compra de materiais e ferramentas para uma oficina de bancada, lugar criado com a finalidade de expor o artesanato para o restante da comunidade turvense, para aprimorar os trabalhos das esculturas e auxiliar na geração de renda para a aldeia.

A atuação do Projeto Marias na tribo não acontece apenas com subsídios materiais, por exemplo, os indígenas produziam os palitos com correntinhas de lantejoulas e penas de galinhas que são, posteriormente, coloridas para o artesanato. O projeto sugeriu que as penas fossem colocadas em prendedores de cabelo para que, assim, ficasse mais fácil das mulheres não-indígenas usarem estes acessórios de cabelo. Os indígenas então continuam fazendo os arranjos com os bastonetes de madeira, mas, adaptaram os prendedores para quem tem dificuldade com os palitos.

Em relação ao tempo de execução das peças, de acordo com o entrevistado B, depende muito da peça que está sendo produzida para que o tempo de trabalho possa ser mensurado. Há peças que demoram até 15 dias para serem produzidas, pois ele não utiliza tintas para colori-las, apenas as queimas dependendo da mini escultura que está produzindo e isso depende da madeira, que deve estar propícia para o processo de queima. Já o entrevistado A disse que não tem muito conhecimento em relação ao tempo de produção dos artesanatos que produz.

Ao conversar com a coordenadora do Projeto Marias, ela relatou que as peças do entrevistado B são diferentes dos demais artesanatos porque não são coloridas como as demais. Para que o artesanato seja produzido, não existe uma padronização do processo, mas sim, o processo é ritualizado, no sentido de que envolve técnicas e processos ancestrais, sendo feito tanto pelos homens como pelas as mulheres, cada peça é específica e quem vai desenvolvê-la depende da decisão de qual peça será produzida naquele momento.

Em tempos anteriores, o artesanato era produzido para uso da própria aldeia, tanto para guardar alimentos, como para enfeitar os membros da comunidade, e usados em seus ritos religiosos. Nos dias atuais, é produzido para a comercialização, sobretudo porque eles contam com a renda da venda dos artesanatos, além disso, comercializam também a erva mate nativa, que é cultivada por eles na aldeia de modo agroecológico.

Como foi observado, tudo acontece ao mesmo tempo nesta comunidade indígena, isto é, a produção dos artesanatos é feita nas casas das famílias, atrelada à outras atividades rotineiras. Sobre a estrutura das casas para a feitura do artesanato, em campo, observamos que o chão das residências é de terra batida, e lá sentados, todos conversam enquanto trabalham.

O rádio fica ligado, o fogo no chão fica aceso, não há cadeiras. Sentados no chão produzem as peças ao lado de seus animais de estimação, como os cachorros e, assim, vão construindo balaios, mini esculturas, colares e pulseiras.

De acordo com o entrevistado A, anos atrás, os guaranis viajavam até São Paulo para vender os seus artesanatos e só voltavam para casa após a venda de todas as peças. Esta atividade demandava de um tempo imprevisível para a comercialização e, resultou em danos para a comunidade, por isso, com o passar do tempo, a produção das peças foi ficando desinteressante para o grupo, dada as dificuldades em realizar a sua comercialização.

Neste sentido, segundo o entrevistado B, a comercialização já foi mais forte, ou seja, já existiu mais procura pelo artesanato indígena. Nos dias atuais, o grupo modificou esta forma de comercialização, sendo que agora os indígenas produzem por encomendas ou porque gostam muito das mini esculturas de “animais”. Aqui, verificamos que há uma relação de sensibilidade com as peças, elas não servem apenas para atender as demandas do mercado

28 A 30 DE OUTUBRO DE 2021

“REDES DE COLABORAÇÃO CIENTÍFICA NO SECRETARIADO: O QUE PODEMOS FAZER PARA A PROFISSÃO DO AMANHÃ?”

de artesanatos, mas, a produção depende da disposição afetiva e cultural dos indígenas com esta prática.

Para os entrevistados C, D e E, existe uma falha na divulgação do artesanato e, por isso, a procura decaiu tanto de uns tempos para cá. Segundo a entrevistada D, “seria necessário criar um site para divulgar com mais intensidade esse artesanato em nosso meio (...) até gostaria de fazer um pedido para vocês se por um acaso não conseguiram fazer um site para nós do Projeto Marias estar expondo as artes da aldeia, que assim teria mais procura pelo artesanato e a renda deles aumentaria” (Transcrição de áudio. Em 5 de setembro de 2019).

O entrevistado B relatou na entrevista que ele é o único a produzir as minis esculturas e, por isso, ele demora mais tempo para produzir várias peças, então comentou que estão conversando entre os indígenas para a construção de uma casa de reza e, assim, “passar o ensinamento aos indígenas menores”. Sobre este novo espaço, o entrevistado A relatou que será construído um barracão para guardar as peças e os materiais que são usados para a produção dos artesanatos.

A partir da visão dos secretários executivos, a construção desse barracão é crucial para entender como a GI se interliga à comunicação e ao planejamento estratégico da aldeia. Este tipo de comunicação entre as lideranças indica que há um processo decisório em andamento na aldeia. No entanto, acreditamos que a GI precisa ser aprofundada e moldada conforme a necessidade do grupo, para que os objetivos monetários sejam alcançados. E isso demandaria de mais tempo em campo, o que ficou comprometido, devido ao prazo de término e defesa do nosso trabalho de conclusão de curso.

Em relação a monetização das peças, ao ser analisadas as entrevistas, nota-se que existem muitas falhas na comercialização do artesanato, porque cada um que confecciona uma peça determina o seu próprio valor, ou seja, não se existe uma tabela de preços que padronize o valor do artesanato e que, assim, todos possam padronizar o preço das peças.

Para a entrevistada C, uma tabela de preços seria fundamental, pois assim, eles teriam como seguir um valor padrão que não prejudicasse os indígenas da comunidade em relação a preços diferentes para as mesmas peças, e também para o cliente que compra o artesanato. De acordo com ela, uma tabela de preços seria um estímulo para produzir mais peças, pois, assim os indígenas veriam a importância de seguir uma regra básica de valores sobre o seu artesanato.

Ao questionar a entrevistada C sobre qual era a visão que ela possuía em relação um profissional de secretariado executivo auxiliando a gestão da informação dentro do artesanato na comunidade indígena, ela respondeu da seguinte forma:

“Digamos que haveria mais organização na aldeia, as reuniões poderiam acontecer com mais frequência e não só uma vez por mês como acontece. A responsabilidade de vocês atuando como esse profissional lá dentro seria de um enorme valor e interesse tanto da aldeia como as mulheres do projeto Marias. Vocês lá dariam uma nova visão deles sem que eles saiam da sua rotina e cultura” (Transcrição de áudio, em 12 de setembro de 2019).

Já a entrevistada D, abordou que seria uma boa ideia se a aldeia contasse com a atuação de um profissional de secretariado, porque este auxiliaria no aumento da produção,

mas afirmou não ter tanto conhecimento sobre a área. Segundo ela, os profissionais ficariam mais com a parte burocrática, com a parte dos “papéis” mesmo.

Com base na entrevistada D, percebemos que o secretário executivo é pensado como aquele que “só trabalha com papéis”, mas, ao retomarmos o que Nonato Junior (2009) explicou sobre este profissional, a sua atuação é pertinente para trabalhar também como assessor das atividades que envolvem contextos não convencionais, sobretudo focalizando os processos de gestão em contextos minoritarizados.

Deste modo, o secretário executivo pode contribuir não apenas com a parte burocrática dentro da comunidade indígena, mas, atuando e contribuindo com a comercialização do artesanato. Portanto, quando são analisados os autores e as entrevistas que aqui foram apresentadas, nota-se que um profissional de secretariado se encaixaria perfeitamente na equipe que trabalha com a comunidade indígena.

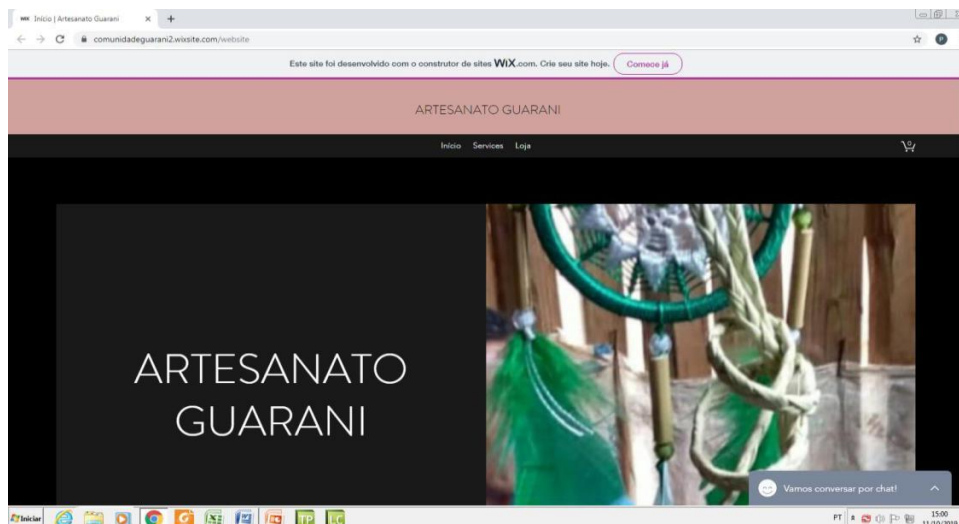
As acadêmicas ao entrar em contato com a comunidade indígena, perceberam que é necessário aprimorar os conhecimentos sobre a GI neste contexto, ou ainda, que a aldeia possa partir de um ponto de reflexões sobre a GI, auxiliando este conceito com diferentes maneiras de comunicação. Sobretudo na captação de recursos por meio de políticas públicas destinadas à grupos indígenas.

A GI pode contribuir para que a aldeia tenha uma maior produção, respeitando a cultura e o tempo dos indígenas. Para tanto, as contribuições do profissional de secretariado são cruciais, pois estes profissionais desenvolvem aptidões para trabalhar assessorando lideranças em contextos variados, trabalhando com atividades que envolvem as assessorias em um escritório e fora dele e, no caso desta pesquisa, também em uma comunidade indígena, porque a formação deste profissional é multidisciplinar.

Para Marchiori (2002) a GI ajuda a trabalhar conflitos entre pessoas em contextos diversos, ajudando empresas, organizações, grupos e instituições a resolverem os seus problemas de gestão. Ao analisar a comunidade, percebe-se que existe um problema na comercialização. Neste ponto, acreditamos que um secretário executivo deveria usar de criatividade e sensibilidade para apresentar soluções aos indígenas, como eles mesmo sugeriram nas entrevistas.

Devido ao tempo disponível para a realização da pesquisa, as autoras fotografaram alguns artesanatos produzidos pelos indígenas e propuseram uma tabela de preços para a comercialização do artesanato da aldeia indígena Guarani. A fim de atender à segunda solicitação dos participantes da pesquisa, criamos um *site* para promover as vendas do artesanato e, assim, divulgar melhor a arte dos indígenas guaranis, como indica a figura 1, abaixo:

Figura 1 - Imagem inicial do site



Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

O site foi criado para auxiliar na exposição das peças, auxiliando na divulgação dos produtos para quem não pode ir até a aldeia ou até a cidade de Turvo/PR. O objetivo do site é facilitar nas vendas, para que as pessoas possam saber o que está disponível e, futuramente, terem a opção de comprar as peças online. O site criado para a aldeia pode ser consultado a no seguinte link: <https://comunidadeguarani2.wixsite.com/website>.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa possibilitou uma análise de como a gestão da informação pode contribuir no processo da produção e comercialização do artesanato da comunidade indígena guarani estudada. Para concluir este trabalho, apresentamos uma análise de como a gestão da informação é importante para que haja mais eficácia na comunicação entre os indígenas e, assim, facilitar a comercialização e a divulgação do artesanato.

Para o secretariado executivo a oportunidade de trabalhar em uma pesquisa desenvolvida dentro de uma comunidade indígena é de extrema importância, pelo fato de estar saindo da zona de conforto e estar trabalhando com uma cultura que é diferente do dia a dia do trabalho secretarial. Esse trabalho também mostra a importância desse profissional ligado a outras culturas, como uma forma de demonstrar interesse em outros campos de saber e vivenciar uma rotina nova na carreira profissional, fortalecendo os estudos das Assessorias Abertas.

REFERÊNCIAS

ARTESANATO Indígena Guarani: Etnia Indígena Das Américas.
Artesanato Indígena Brasileiro. 2018. Disponível em

<https://artesanatoindigena.com/artesanato-indigena-guarani-etnia-indigena-das-americas/>

Acesso em 17 jun. 2019.

ASSIS, Tati. **Você sabe o que faz um profissional formado em Secretariado Executivo?** E Guia do Estudante: Por dentro das profissões, 2015. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/pordentrodasprofissoes/voce-sabe-o-que-faz-um-profissional-formado-em-secretariado-executivo/> Acesso em 21 jun. 2019.

BARBOSA, Ricardo Rodrigues. **Gestão da informação e do conhecimento: origens, polêmicas e perspectivas.** Informação & Informação, v. 13, n. 1 esp., p. 1-25, 2008. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1843>

CAMARGO, Mabilia, et al. A evolução da área secretarial às ciências da assessoria. *Revista Expectativa*, 2015, 14.14.

BRAGA, Ascensão. A Gestão da Informação. **Instituto Politécnico de Viseu.** 2000. Disponível em: <http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/903/1/A%20GEST%C3%83O%20DA%20INFORMA%C3%87%C3%83O.pdf>> Acesso em 6 mai. 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Guarani:** Índios do Sul-religião, resistência e adaptação. *Estud. av.* vol.4 no.10 São Paulo Sep./Dec. 1990. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v4n10/v4n10a04.pdf>. Acesso em: 14 junho 2019.

DURANTE, Daniela Giareta et al. Atuação e ascensão profissional a partir da formação em Secretariado Executivo: levantamento com egressos da UPF/RS. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 2, n. 2, p. 170-193, 2011. Disponível em: <https://revistagesec.org.br/secretariado/article/view/76/105>.

DE SOUZA, Taiane; MOREIRA, Katia Denise; MARTINS, Cibele Barsalini. **TELETRABALHO: Um Segmento de Atuação para o Profissional de Secretariado. Perspectivas Contemporâneas**, v. 13, n. 1, p. 1-17, 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed., São Paulo: Atlas, 2009.

_____. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social.** 6 ed., São Paulo: Atlas, 2011.

_____. **Estudo de caso:** Fundamentação científica; Subsídios para coleta e análise de dados; como redigir o relatório. São Paulo: Atlas, 2009.

MADSEN, D. Disciplinary perspectives on information management. (The 2nd International Conference on Integrated Information). *Procedia: social and behavioral sciences*. n.73, p. 534-537, 2013;

MASCARENHAS, M. H. de S., Sepulveda, F. A. M. & D'Assumpção, E. S. (2011). Sistema de gestão integrado: a atuação do secretário executivo. **Revista de gestão e secretariado**, São Paulo, 2(1), 177-192.

MARCHIORI, Patrícia Zeni. A ciência e a gestão da informação: compatibilidades no espaço profissional. **Ciência da informação**, v. 31, n. 2, 2002. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/962/999>.

MARCHIORI, M. R. Cultura e comunicação interna: idealizar e comunicar. In: NASSAR, Paulo. **Comunicação interna:** a força das empresas. São Paulo: Associação Brasileira de Comunicação Empresarial, 2005. p. 109-116.

MARCHIORI, Patrícia Zeni. Gestão da informação: fundamentos, componentes e desafios contemporâneos. In: SOUTO, Leonardo Fernandes. **Gestão da informação e do conhecimento:** práticas e reflexões. Rio de Janeiro: Interciência, 2014. p. 2746.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais.** 2 ed., São Paulo: Atlas, 2009.

28 A 30 DE OUTUBRO DE 2021

“REDES DE COLABORAÇÃO CIENTÍFICA NO SECRETARIADO: O QUE PODEMOS FAZER PARA A PROFISSÃO DO AMANHÃ?”

- MEROSTACHYS multiramea Hack. Taquara-lixá. Compêndio Online Gerson Luiz Lopes: **Laboratório de Manejo Florestal**. Disponível em: <<https://sites.unicentro.br/wp/manejoflorestal/taquara-lixá/>> Acesso em 22, Jun, 2019.
- NONATO JUNIOR, Raimundo. **Epistemologia e Teoria do Conhecimento em Secretariado Executivo: A Função das Ciências da Assessoria**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.
- OLIVEIRA, Saulo Alberto. Brevíssimo tratado conceitual da assessoria: para entender o secretariado. Guarapuava: Ideal, 2011.
- RAMOS, Suéllen et al. Assessoria Aberta com Viés Social: Um Estudo de Caso no Centro de Referência de Assistência Social. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 6, n.3, p.46-69, 2015. Disponível em: <https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/355/pdf>.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.
- SABINO, Rosimeri Ferraz; MARCHELLI, Paulo Sérgio. **O debate teórico metodológico no campo do secretariado: pluralismo e singularidades**. Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 7, 2009, n 4, 607- 621, dez. 2009.
- SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de Pesquisa**. 5 ed., Porto Alegre: Penso, 2013.
- TERRA INDÍGENA MARRECA. *PORTAL KAINGANG*. 2005. Disponível em: <http://www.portalkaingang.org/index_marrecas.htm> Acesso em 22, Jun, 2019.